



# REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

## V. 12 - 2022

---

ROCHA, Antonio

A luz que não se vê: o âmago da polarização

pp.63-78

DOI: [10.5216/teri.v12i1.74423](https://doi.org/10.5216/teri.v12i1.74423)

---

---

# A LUZ QUE NÃO SE VÊ: O ÂMAGO DA POLARIZAÇÃO

## THE UNSEEN LIGHT: THE HEART OF POLARIZATION

### LA LUZ OCULTA: EL CORAZÓN DE LA POLARIZACIÓN

Antonio ROCHA<sup>1</sup>

**Resumo:** O estudo que você vai ler neste artigo é o retrato da realidade em muitos espaços no Brasil. Oriundo da conjuntura histórica de domínio e imposição por um lado, da humilhação e obediência por outro, a sociedade brasileira chega ao drama de vivenciar a polarização ideológica que presenciamos. No intuito de complementar os argumentos apresentados em um artigo publicado no ano de 2020, com o título: "O cenário político brasileiro e a polarização dos últimos tempos, o qual, justifica a importância desse estudo, temos como objetivo, falar nas contradições, ações e reações da sociedade, onde entram em jogo pensamentos opostos e uma sociedade que tem a sua maioria fadada ao anonimato, porque, culturalmente, sempre sofreu imposição e distorção de valores desde as origens coloniais. O estudo bibliográfico conta com referências que refletem sobre a realidade social brasileira, complementado por outros teóricos. Concluímos este artigo mostrando que a conduta oscilante no comando da sociedade é fruto da pressão imposta pelas forças dominantes que, na verdade, criam a polarização que condenam e, por essa razão, a resistência e o sonho de novas perspectivas. Esforçamos para ser objetivo e didático na proposta do novo estudo que merece ser ampliado, debatido nas bases da sociedade e esta é a razão de palavras-chave, como: contradição, ideologia, polarização e didática.

**Palavras-chave:** Contradição, Ideologia, Polarização, Didática.

**Abstract:** The study you will read in this article is the picture of reality in many spaces in Brazil. Derived from the historical conjuncture of dominance and imposition on the one hand, from humiliation and obedience on the other, Brazilian society comes to the drama of experiencing the ideological polarization we witness. In order to complement the arguments presented in an article published in 2020, with the title: "The Brazilian political scenario and the polarization of recent times, which justifies the importance of this study, we aim to speak in the contradictions, actions and reactions of society, where opposite thoughts come into play and a society that has its majority doomed to anonymity, because, culturally, it has always suffered imposition and distortion of values since colonial origins. The bibliographic study has references that reflect on the Brazilian social reality, complemented by other theorists. We conclude this article by showing that the oscillating conduct in the command of society is the result of the pressure imposed by the dominant forces that, in fact, create the polarization that condemn and, for this reason, the resistance and the dream of new perspectives. We strive to be objective and didactic in the proposal of the new study that deserves to be expanded, debated in the bases of society and this is the reason for keywords such as: contradiction, ideology, polarization and didactics.

**Keywords:** Contradiction, Ideology, Polarization, Didactics.

**Resumen:** El estudio que leerá en este artículo es la imagen de la realidad en muchos espacios de Brasil. Derivada de la coyuntura histórica de dominación e imposición por un lado, de humillación y obediencia por el otro, la sociedad brasileña llega al drama de experimentar la polarización ideológica que presenciamos. Para complementar los argumentos presentados en un artículo publicado en 2020, con el título: "El escenario político brasileño y la polarización de los últimos tiempos, que justifica la importancia de este estudio, pretendemos hablar en las contradicciones, acciones y reacciones de la sociedad, donde entran en juego pensamientos opuestos y una sociedad que tiene su mayoría condenada al anonimato, Porque, culturalmente, siempre ha sufrido imposición y distorsión de valores desde orígenes coloniales. El estudio bibliográfico tiene referencias que reflexionan sobre la realidad social brasileña, complementadas por otros teóricos. Concluimos este artículo mostrando que la conducta oscilante en el mando de la sociedad es el resultado de la presión impuesta por las fuerzas dominantes que, de hecho, crean la polarización que condena y, por esta razón, la resistencia y el sueño de nuevas perspectivas. Esforçamos para ser objetivo e didático na proposta do novo estudo que merece ser ampliado, debatido nas bases da sociedade e esta é a razão de palavras-chave, como: contradição, ideologia, polarização e didática.

**Palabras-clave:** Contradicción, ideología, polarización, didáctica.

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Del Sol - UNADES, PY. Possui especialização lato sensu em Ciências da Educação pela Faculdade de Pinheiros - FAP, ES. Especialização lato sensu em Filosofia da Educação pela FAP. Especialização lato sensu em Didática e Metodologia do Ensino Superior - Uneouro, RO. Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia -UNIR, RO. Técnico em Agropecuária pela Escola Família Agrícola (CEFFA, RO).

## INTRODUÇÃO

Sugiro que o leitor inicie a leitura deste artigo com bastante atenção para entender a proposta que estamos pleiteando aqui. Trata-se de algo sutil que às vezes nem damos conta do tamanho das consequências geradoras da polêmica situação, que na verdade, tem sua legítima necessidade, prova que a polarização ideológica é justa e necessária. O tema é pertinente e deveria ser discutido em todas as instâncias da sociedade, de instituições públicas às instituições privadas, pois estamos falando num problema que a sociedade vem enfrentando a anos e tem nas vertentes, razões em jogo. Não se trata, simplesmente, da radicalização de ideias, o que seria um fracasso, trata-se da legítima defesa de interesses, seja do sistema, seja da maioria explorada da sociedade. É a democracia em jogo!

O que justifica esse estudo é a necessidade de complementar outro, feito e publicado em 2020. Com o objetivo de falar na polêmica situação no cenário político brasileiro e a polarização, ambos, trazem um diálogo curioso, crítico e aberto a novas perspectivas, pois a tendência da polarização continua em jogo. Lembremos que a criatividade humana o induz a tomar decisões e as vezes elas ocorrem em defesa de inconvenientes, isso é perceptível até numa criança. Pressiona-se a criança e ela encontra alternativas para sua defesa, exceto se carrega consigo uma disfunção orgânica ou um problema emocional e neste último caso, também é defesa, é ação do inconsciente.

Percebendo o que descrevemos até aqui, entenderá que o objetivo dessa proposta é falar nas contradições ideológicas, ações e reações da sociedade, onde está em jogo pensamentos opostos e uma sociedade, em sua maioria, fadada ao anonimato, devido as imposições e distorções de valores. Esse pensamento conflitante será apresentado no decorrer dos argumentos no artigo. Não se pode deixar ser seduzido por iniciativas que menosprezam humanos ou os utilizem como massa de manobra para interesses restritos. Uma sociedade precisa de justiça social, um Estado forte em defesa dos seus, evidentemente, respeitando fronteiras e relacionando bem com vizinhos. É esse jogo ideológico que será exposto no decorrer dos argumentos no artigo.

No intuito de ampliar bagagens e oferecer credibilidade ao leitor recorreremos a bibliografias pertinentes ao tema, inclusive, valendo-se do artigo que mencionamos acima e serviu de base para esse novo degrau do estudo teórico. As bibliografias são exemplos de que a proposta em evidência é pertinente e ao contrastar essa iniciativa aos argumentos dos teóricos, o leitor verá a sintonia entre uma necessidade teórica e a outra, inclusive, sua necessidade de compreensão também. A polarização continua e neste ano de 2022, o embate não estará resolvido, pois a ideia da redemocratização continua viva, tanto quanto, o projeto de dominação sustentado pela elite que detém o controle social.

Num esforço de ser objetivo e didático na proposta desse novo estudo, buscamos mostrar a conduta oscilante na sociedade onde se vê que é a pressão sobre as classes menos favorecidas a causa da resistência e da polarização. Esse é o teor do assunto que você irá apreciar neste trabalho. Espera-se que o leitor usufrua desse estudo e ajude, na tendência criativa que a humanidade possui, a oferecer um pouco de si em torno do debate sobre o tema. O Brasil é um país rico, alegre, cheio de grandes festividades e deve cultivar essa premissa, mas é necessário, também, que os cidadãos tenham consciência de que o potencial criativo é seu e não deve ser manipulado por interesses restritos. Chega

de uns iluminados e outros condenados à servidão, são mais de cinco séculos de história, exploração da maioria, precisamos chegar num equilíbrio ideológico.

## **UM BRASIL EM CONSTRUÇÃO**

Partimos do princípio de que entender a realidade e projetar o futuro sem olhar o passado pode ser bem mais difícil que perceber experiências vividas, trazê-las para a realidade e assim projetar o futuro. Elaboramos o passo a passo dessa proposta, na perspectiva de um diálogo crítico, sensato e também criativo. Crítico, por analisar a situação social desproporcional nesse país onde uns tem muito, outros pouco e a maioria quase nada, além dos que estão abaixo da linha de pobreza, numa situação mais desastrosa ainda. É preciso ser sensato, porque não é justo saber que um ser humano vive sentado ou dormindo em “berço de ouro” e outro sentado ou dormindo numa calçada de rua. É criativo, por usar uma linguagem simples e didática, acessível a leitores distintos.

Quando estudamos as origens históricas desse país e voltamos na colonização, imaginamos o drama vivido por aqueles primeiros indivíduos, lembrando que imaginar é bem diferente de sentir o drama em sua magnitude. Se imaginarmos o espaço brasileiro antes da colonização, é possível acreditar, seriamente, que a configuração social era outra, mas não vamos retroagir, focaremos nas análises a partir da chegada dos portugueses. Pense no início da colonização e sem muitas dúvidas você deduzirá que alguém sobrepôs a alguém, ou pelo menos teve uma intenção de ocupar um espaço que não era seu. Os europeus, não somente os portugueses, vieram para as Américas no intuito de dominar, era a expansão comercial, obviamente, o mercantilismo estava em ascensão.

E, como a preocupação é estudar a polêmica situação no Brasil e sua formação inicial, deixamos o mercantilismo para direcionar o raciocínio a Gilberto Freyre em “Sobrados e Mucambos (2004)” falando dos primeiros passos, ou modelo de educação no país: “...Os pais autorizavam mestres e padres a exercerem sobre os meninos o poder patriarcal de castigá-los a vara de marmelo e à palmatória. Freyre (2004, p 180). Assim começou a educação no país que naquele momento estava ocupado pelos portugueses e já dividiam o espaço com nativos. A informação sobre a forma de educação é tão real que nos pouco anos de vida que temos, vimos reprodução de atitudes aproximadas, a exemplo, muitos castigos radicais, inclusive à palmatória.

É possível dizer que não estamos distantes da barbárie, sabemos, evidentemente, que evoluímos muitos nesse quesito. No entanto, somos uma sociedade em construção e a educação é um dos temas que deve estar em pauta, partindo do espaço familiar, a própria escola e todos os espaços sociais. Mudanças ocorreram e as transformações sociais foram surgindo, mas ainda é preciso perceber que há sutilezas que merecem atenção, uma delas é a justiça social, preocupação no artigo. Houve a transferência de poder do campo para a cidade, a libertação dos escravos e a conquista de gênero, mas paralelo a transição ainda prevalece o domínio e a exploração humana invisibilizada, conforme defende Jessé Souza em várias das suas reflexões orais e escritas. A descoberta do autor é um marco na sociologia atual, pois muitos intelectuais não perceberam essa obviedade.

Antecedendo Souza, Freyre mostrou que saímos do sistema rudimentar e entramos na fase burocrática, criamos uma relativa independência dos senhores, mas ao mesmo tempo, entramos nos ajustes burocráticos. Esse foi o marco de uma das mudanças, onde o país saiu de um sistema rudimentar autoritário, para um sistema burocrático e sedutor, mas tão impositivo ou até mais cruel que o primeiro, segundo Souza, pois agora ele implícito, manipula ideias. Quando alguém descobre a manobra e reage à injustiça, essa reação é inibida por quem manobra, as vezes se valendo da própria burocracia, como ocorreu em casos recentes. Essa é uma das causas da polarização recente e justifica certas resistências.

O problema recente deve ser percebido da seguinte forma: não se trata da radicalização de ideias, se trata da defesa de interesses sociais de lados opostos. O preocupante é saber que um dos interesses está restrito a um grupo limitado ávido a controlar as riquezas do país, um reflexo da estrutura global de dominação neoliberal. Se alguém, ou um grupo reduzido que dominar, é legítimo alguém, ou algum grupo lutar pela defesa da maioria explorada e esse é o drama da polarização. Portanto, observemos a citação abaixo que confirma as análises iniciais e dão evidências de que esse estudo merece atenção.

O que se verificou com a transferência do poder patriarcal das casas-grandes do interior para os sobrados das cidades foi, evidentemente, uma diminuição de distância não só física como social entre a gente senhoril e atividades mecânicas, comerciais, industriais que começaram a desenvolver-se, nas mesmas cidades, em relativa independência dos senhores de sobrado, embora, principalmente, para seu uso e conveniência. Inclusive o uso e conveniência das senhoras. (FREYRE, 2004, p. 251).

Considerando a opinião inicial, é possível afirmar que, do ponto de vista da justiça social o país não evoluiu muito, apenas driblou iniciativas de resistências iniciais e isso é perceptível nos referenciais apresentados, justificam as contradições ideológicas, as ações e reações da sociedade. Freyre mostrou que “...A ascensão política dos bacharéis dentro das famílias não foi só de genros: foi principalmente de filhos...”, sequenciada por outros fatores: “...com maior nitidez o fenômeno da transferência de poder, ou de parte considerável do poder, da nobreza rural para a aristocracia ou burguesia intelectual. Das casas-grandes dos engenhos para os sobrados das cidades”. (FREYRE, 2004, p. 724).

As informações deixam claro que as mudanças ocorreram na transição de uma iniciativa rudimentar em busca da modernização, mas o fator instigante aqui são as imposições e distorções de valores, na estratégia da exploração invisibilizada. Este é o desafio que revela a situação atual e não vejo melhor produção para instigar a reflexão do que as opiniões de Jessé Souza, ele foi útil na composição da maior parte do embasamento teórico. A elite do atraso parece ser o carro-chefe das opiniões do sociólogo e dela nascem outras reflexões na mesma pertinência, ampliando o debate. Que me perdoe o autor se esta opinião estiver equivocada.

Passemos a refletir com o referido autor para elucidar o que estamos propondo nesta obra. Considerando o exposto, perpassamos pelo que mostra Souza em “A Elite do Atraso: da escravidão à Lava Jato, 2017”. Os dramas apontados por ele dão evidências do tamanho do problema que estamos enfrentando e certamente são estes problemas que impulsionam a luta na defesa das mudanças de

pensamento na sociedade, onde, de um lado, temos os que querem manter o sistema em vigor e do outro, os que lutam por mudanças substanciais, daí a verdadeira causa polarização. Na verdade, a pressão sobre as classes menos favorecidas, é a causa da resistência e da polarização, uma legítima defesa.

Fruto das primeiras resistências, tivemos conquistas mostradas por Freyre em Sobrados e Mucambos, mas não vamos discuti-las aqui e atualmente enfrentamos uma nova fase de dominação estruturada pelo convencimento ideológico, inclusive, se valendo das inovações tecnológicas. Portanto, é preciso encontrar uma estratégia para esclarecer as mazelas recentes, fazer o desnudamento da camuflagem ideológica discursada por muitos políticos na hora de conquistar o voto. O discurso do conceito democrático, que na verdade atende interesses restritos, deve ser percebido: “Das lutas de classe, nasceram algumas conquistas democráticas no país, o cidadão brasileiro ganhou diversos direitos que antes não existiam, um deles é a “oportunidade de expressão...”. (ROCHA, 2020, p. 168).

Esse foi um dos argumentos apresentados no artigo que publicamos em 2020. A oportunidade de expressar deve ser defendida, é preciso pensar na vida em seu sentido amplo, inclusive pensar na natureza que é indispensável na pauta desse debate. O artigo é limitado para envolvendo reflexões sobre a natureza, mas precisamos preocupar com ações ilimitadas de interesses gananciosos que não pensam o humano, muito menos a natureza como princípio básico para a vida. Esse tema é, também, uma das pautas no embate nas forças conflitantes, pois pensar a vida é pôr em xeque a natureza. O tema é primordial e deve estar presente no cenário político brasileiro exposto aqui.

## **O BRASIL QUE NÃO QUERIA**

A ironia no título vem mostrar o drama que a sociedade está vivendo onde, muitas vezes, as pessoas tentam encontrar soluções e na maior das intenções acabam aumentando o drama, não surgem respostas adequadas. Se o problema no Brasil é um vício estrutural e ideológico como mostram os teóricos, não há solução mágica para resolver a situação se a sociedade não mudar a postura crítica e o Estado não assumir a responsabilidade em defesa da nação. A ausência de um projeto que englobe a todos, que dê a todos os mesmos direitos e as mesmas oportunidades pode o problema, tanto quanto, pode ser o responsável pelos embates na sociedade.

Se o pai, no exemplo (Estado), não olhar para todos os filhos com o mesmo carinho e os ajudarem a caminhar, principalmente os mais frágeis, os filhos (cidadão), ou fracassarão, ou explorarão os que não possuem as mesmas potencialidades, daí o caos social. Ao ler o Poder do Hábito (2012), fiquei pensando: será que a sociedade brasileira não precisaria mudar sua rotina para encontrar uma nova recompensa? Onde está a deixa que vai indicar saída? Imagino que um Estado forte deveria pensar e defender os seus com o mesmo carinho que um pai deve pensar e defender seus filhos, do contrário muitos estarão condenados a sofrerem situações evitáveis, eis a necessidade da mudança.

É a família, portanto, o primeiro modelo das sociedades políticas; o chefe é a imagem do pai, o povo a imagem dos filhos, e havendo nascido todos livres e iguais, não alienam a liberdade a não ser em troca da sua utilidade. Toda a diferença consiste em que, na família, o amor do pai pelos filhos o compensa dos cuidados que estes lhe dão, ao passo que, no Estado, o prazer de comandar

substituí o amor que o chefe não sente por seus povos. (ROUSSEAU, 2022, p. 11).

Achei a citação oportuna, uma explicação curiosa na competência que o filósofo teve, quando percebeu a óbvia necessidade de cuidado com os membros, sejam eles, na família, ou na sociedade. Ao apresentar o Contrato Social, naquela ocasião, o filósofo continua ensinando a sociedade moderna uma alternativa para administrar a sociedade. Apesar de percebemos que nem toda sua convicção dele se concretizou, é possível dizer que as suas sugestões são pertinentes e como qualquer mortal que um dia se vai, ele se foi, mas seus escritos estão vivos e as deixas podem mudar a rotina atual direcionando a sociedade para novas perspectivas.

Rousseau afirmava que “O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros” e complementa mostrando o teor do orgulho humano: “...De tal modo acredita-se, o senhor dos outros, que não deixa de ser mais escravos do que eles”. (ROUSSEAU, 2002, p. 11). Essa curiosidade veio fortificar o que estamos discutindo e não poderia passar despercebida, pois ela mostra como age um ser humano em seu extremo orgulho e esclarece a necessidade gritante de defender que é preciso pensar o humano como gente, como pessoas iguais, mortais, um ser que sente, que sofre e quer ser feliz, daí a soberania.

Como a Natureza dá a cada homem um poder absoluto sobre todos os seus membros, dá o pacto social ao corpo político um poder absoluto sobre todos os seus, e é esse mesmo poder que, dirigido pela vontade geral, recebe, como eu disse, o nome de soberania. (ROUSSEAU, 2002, p. 24).

Segundo Duhigg, em *O Poder do Hábito* (2012), conforme dizia Travis e outros personagens sobre a empresa Starbucks: “...a força de vontade é o hábito angular mais importante de todos para o sucesso individual...” (DUHIGG, 2012, p. 145) e a afirmação é bastante óbvia, no entanto, as evidências sugerem uma força de vontade destrozada por um poder que impõe, que distorce e pune quem busca se libertar, daí o grande drama da sociedade moderna. Perceba que estamos na era da modernidade onde um se dá ao lucho de patrocinar interesses milionários até para a distorcer uma ideia e outros nem sequer tem estímulo para criar a força de vontade sugerida na citação, esse é o drama atual.

Se considerarmos o que diz Dweck em *Mindset* (2017), quando, ao fazer a relação entre a mindset fixo (mentalidade fixa) e a mindset de crescimento (mentalidade de crescimento), podemos imaginar que uma sociedade com a formação de base racista como a sociedade brasileira, segundo as teorias estudadas, onde predominou o autoritarismo, a imposição, atitude que prevaleceu durante séculos e ainda tem resquícios, pode ser um motivo indutor de cidadãos com a mentalidade fixa. Trata-se de pessoas com inteligência capaz de levá-lo a novos horizontes, mas carregam consigo uma herança egoísta, esmo que inconsciente. Ao reprimir-se cobrando demais de si, esse indivíduo passaria a si sentir fracassado, exceto os de mindset de crescimento que por outras razões evoluíram.

Quando observamos o oposto do mindset fixo, veremos que “No mindset de crescimento, as pessoas não apenas buscam o desafio, mas prosperam com eles. Quanto maior o desafio, mais elas se desenvolvem. E em nenhum lugar isso pode ser visto com mais clareza do que no mundo dos esportes.”. (DWECK, 2017, p. 29). Conforme mostra a autora, a força de vontade individual é perceptível, mas ela vem de algum estímulo e uma geração que vive distorções da realidade, pressão,

desestímulo, frustrações pode ter aqueles que tem uma inteligência aguçada se sentindo ameaçados e por uma tendência racista, mesmo inconsciente, se sentem falhados, achando que o esforço é para os fracassados.

Para a autora, “...O mindset fixo cria um monólogo interno focalizando no julgamento...”, em contrapartida, pessoas de mindset de crescimento observam mais e “...seu monólogo interno não trata de julgar a si mesmas e aos demais dessa maneira...”. (DWECK, 2017, p. 236). São pessoas sensíveis a informações positivas ou negativas e essa ação produz uma visão construtiva. Esse diferencial leva os últimos a maiores patamares quando são desafiados, enquanto os primeiros, tem reação oposta, a tendência em se tornarem fracassados. Se, de um lado, é perceptível a acomodação, do outro lado, há os que lutam e apostam na conquista, numa vida melhor, numa sociedade melhor, é o que vamos ver a seguir.

## **A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO**

Conforme delineamos no raciocínio até aqui, a partir de um esforço contínuo, pontuaremos o que parece a mola propulsora para os dramas que o país vem enfrentando nos últimos anos. Lembrando que os dramas atuais não são diferentes de outras lutas que foram travadas em contextos diferentes da história brasileira, a perspectiva é a mesma, o que distingue uma luta da outra é a forma das ações em tempo e espaço, antes com os nativos e negros escravos, hoje com os assalariados, muda-se a forma da intimidação na luta pela emancipação popular. Espera-se que o artigo seja complementado por outras ideias na mesma perspectiva e seja promissor para ajudar na emancipação futura.

Em “O cenário político brasileiro e a polarização dos últimos tempos, 2020”, deixamos claro que “...o Brasil é um país de interesses em jogo...” e quanto aos dramas, no Brasil atual, temos a “liberdade de expressão”, de um lado e do outro, a distorção ideológica que confunde uma maioria da população leiga. Se observamos a curiosa informação, percebemos que Souza se vale de Bourdieu e fala na teoria da “igualdade de oportunidade”. Segundo ele “... precisamos mudar a percepção que temos de nós mesmos e da nossa sociedade. Dependendo da forma como nós percebemos é que podemos mudar as prioridades e ter clareza dos desafios reais de nossa sociedade. (SOUZA, 2018, p. 272).

Se não mudarmos a convicção ideológica instaurada na mentalidade da maioria das pessoas, muitos continuarão acreditando na igualdade de oportunidade, uma falácia. Como realmente temos a liberdade de expressão, mas uma visão equivocada da realidade causada pelas distorções ideológicas que são planejadas, a sociedade vira um caos e não se sabe de quem é a culpa, apenas acusações e deduções infundadas, muitas vezes estimuladas por interesses restritos. A moda atual é acusar o Estado e a política pelos desastres sociais, essa acusação não é tão verdadeira assim, segundo Souza (2017).

Em “A herança do golpe (2022), Jessé Souza aponta dois inimigos atuais para a compreender a sociedade brasileira: a escravidão e o racismo. De um lado, a escravidão que minimizou gerações ao ponto de justificar a ação impositiva e condenar a sociedade e do outro, a herança do passado ibérico de forma que as classes sociais no Brasil contemporâneo se fundamentam na competição de todos contra todos por “reconhecimento social (p. 69)”, essa luta “...possibilita que tenhamos autoestima e autoconfiança (p. 70)”. No entanto, informa que é uma luta relacionada à posse de bens materiais e

imateriais, o sonho do prestígio, reconhecimento e respeito social.

Uma sociedade oferece espaço para todos assim como um coração de mãe tem lugar para os filhos, mesmo os mais rebeldes. Precisaríamos saber que um homem não substitui a mulher em sua função e a mulher não o substitui, mas ambos são necessários na sociedade, a fé não substitui as ciências em sua função, assim como a ciência jamais substitui a fé, o Estado não substitui o setor privado em sua função, muito menos, o setor privado substitui o Estado. Trata-se de interesses distintos e funções distintas que são necessárias na sociedade, mas o que está em jogo é a desproporção nos valores e isso precisa ser ajustado numa sociedade moderna.

Considerando esta premissa, o contraste vem acentuando em função dos excessos do mundo moderno e são esses excessos que instigam as lutas por liberdade, pois indivíduos estão sendo destruídos, ideologicamente falando. O mercado de trabalho, que agora passou a explorar o trabalho feminino em maior escala para atender as legítimas reivindicações das lutas femininas faz com que uma boa parcela das mães ocupe seu tempo no trabalho e muitas delas estão perdendo o privilégio de criar o filho e educá-lo nos primeiros anos de vida. Parte dessas mães, não podem pagar uma empregada, os filhos ficam à disposição da sociedade, aos cuidados dos avós, ou a disposição das inovações tecnológicas e são bombardeadas por veículos de comunicação que possuem pouca regulação e oferece informações com intencionalidades distintas.

Parte do tempo, as crianças passam na escola, pois ela nasceu para complementar a educação familiar e mesmo com limitações financeiras e estruturais, sujeitando a muitas críticas é uma das instituições que ainda supre muitas necessidades dessas crianças, contribui na regulação de princípios, com a alimentação e o afeto. A função da escola, na verdade, é complementar a educação iniciada na família e oferecer subsídio para o aluno ao futuro ingresso ao mercado de trabalho. No entanto, deixo uma observação: os professores estão passando maior parte do tempo atendendo situações básicas que são responsabilidade da família, dentre elas, o limite na obediência, mas também o controle emocional sofrido pelos dramas atuais ligados aos excessos nas informações, a ausência do afeto familiar e por mais que esforcem, eles não substituem pais.

Muitos casais dedicam mais tempo ao mundo do trabalho e não sobra tempo para a família e é comum, as crianças manifestarem insatisfações na escola como reflexo dessa situação. Queremos lembrar que a escola não substitui a família. Inconsciente das causas dos dramas dos filhos com indisciplina escola, ao serem cobrados, muitos pais tentam se vitimizar às vezes responsabilizar professores ou a escola. Aqui aparece o novo drama, um professor que não tem filhos, muitas vezes precisa ajudar os pais a educar os filhos que não é tarefa de um professor. O pai ou a mãe, sugere ao professor como se deve trabalhar na sala de aula mesmo não tendo a mínima ideia do que seja uma sala cheia de alunos e devemos lembrar que os pais não substituem o professor. Temos religiosos querendo fazer política e político dando dicas à religião, ambos são necessários, mas um não substitui o outro e tudo isso faz parte do drama atual.

O Estado que deve se atentar ao serviço público muitas vezes se envolve no mundo privado e o privado interfere no público, na mesma perspectiva, um não substitui o outro. De forma esmiuçada podemos entrar na estrutura interna das instituições e percebermos que a educação, por exemplo, tem um corpo e cada membro tem a sua função, muitas vezes, na educação, ocorre a mesma onda e um

funcionário quer sugerir como se deve trabalhar naquilo que não sua função. É muito comum, funcionários nomeados para gerenciar outras funções que não estão preparados para ela, atitude comum no serviço público, como nomeação de gestores na saúde ou na educação não sempre bem sucedidos.

Pontuamos alguns contrastes para direcionar o leitor à reflexão, certamente novas percepções virão. Dentre eles: o drama nas famílias, a ausência de consciência da realidade e o embate entre opositores que geram os dramas, a polarização. No impulso de solucionar dramas sociais, muitos acreditam que o problema está na ausência de responsabilidade do outro. Passamos a ter escola militar e sabemos que o militar não foi preparado para a função civil, assim como, o civil não está apto para exercer a função militar, ambos são úteis, mas um não substitui o outro. Mesmo trabalhando a educação, na maior parte das funções com civis, a presença de militares descaracteriza o caráter real da escola.

Entendemos que O Estado deve investir na formação militar, indispensável na proteção da pátria, em defesa dos cidadãos, mas se formos falar nesse assunto no meio civil, certamente, encontraremos civis querendo dizer como deve agir um militar na função. Na verdade, há a ausência da consciência dos reais responsáveis pelo caos social e o cidadão, nas suas distintas frustrações, busca solução para o problema interferindo na função do outro, apostando que o erro está na forma de conduzir àquele o setor e na verdade, a verdadeira responsabilidade parece estar na distorção ideológica arquitetada para dominação, segundo alguns teóricos, influenciadas por intelectuais.

## **O BRASIL QUE MUITOS QUEREM**

No intuito de interpretar o desajuste social descrito aqui e apresentar alternativa mais justa e contundente para a maioria da população, inclusive para quem explora a maioria, esta parte da reflexão visa descrever situações do cotidiano que revelam o país que muitos querem, um Brasil para todos, um Brasil que distribui riquezas e mesmo que tenha a distinção de classe entre humanos, que não é justa, espera-se um país mais equilibrado na distribuição das oportunidades. O que indigna qualquer ser que tem um pouco de senso de humanidade é a desproporção descomunal na distribuição de riqueza e dos valores sociais.

...para criticar o Brasil de hoje e compreender o que está em jogo na política e na manipulação da política como forma de dominação econômica e simbólica, é necessário reconstruir uma totalidade alternativa que desconstrua o culturalismo racista conservador e reconstrua a sociedade brasileira em um sentido novo e crítico. (SOUZA, 2017, p. 37)

A primeira observação instigante que buscamos fazer está na citação acima, pois as formas sutis e estratégicas põem em jogo a nação e a ausência de formação transforma a sociedade no caos. Há duas reações em jogo: ou a sociedade parte para o conflito, nem sempre é promissor, as vezes desordenado e inconsciente, ou obedece, por alguma razão. Conforme mostra Souza “Ninguém obedece sem razão. No mundo moderno, quem cria a legitimação do poder social que será a chave de acesso a todos os privilégios são os intelectuais. (SOUZA, 2017, p. 11). Portanto, ou se reage em função do problema social de forma consciente, ou não, ou obedece ao jogo, muitas vezes criado por quem

deveria sugerir soluções plausíveis, dentre eles, os intelectuais.

E, ainda: “Os seres humanos são construídos por influências e instituições. (SOUZA, 2017, p, 39). Ou somos conscientes para entendermos nossa condição social e defendermos a sociedade naquilo que é justo, ou somos imbecilizados ao ponto de entrarmos em conflito e não chegar a lugar algum, criando dramas e aumentando os problemas que existem, como temos visto recentemente. E, Souza acrescenta: “Sem a ideia de classe e o desvelamento das injustiças que ela produz desde o berço, temos a legitimação perfeita para o engodo da meritocracia individual do indivíduo competitivo. (SOUZA, 2017, p. 85).

A ideia da meritocracia é bastante polêmica e não parece justa defender o tema numa sociedade de classe como a brasileira, pois você recriminará uns e privilegiará outros dando a oportunidade que os primeiros não possuem, como o acesso à cultura, ao conhecimento que vem do berço. É preciso perceber os argumentos do autor Souza, quando ele diz que “... O Brasil passou de um mercado de trabalho escravocrata para formalmente livre, mas manteve todas as virtualidades do escravismo na nova situação. (SOUZA, 2017, p. 102). A curiosidade aqui apresentada merece muitas reflexões e ajudará o leitor a entender a polêmica situação de muitos debates calorosos.

Se atentarmos para embates recentes, estamos desconsiderando outros de igual importância, veremos que o sociólogo tem razão, pois ele disse que “O maior perigo representado pelos pobres foi quando eles começaram a poder entrar numa universidade pública, reduto dos privilegiados da classe média. (SOUZA, 2017, p. 185). Veja o drama causador dos embates entre as forças conflitantes. Percebendo que é possível a mudança, uma parcela da sociedade explorada se viu na oportunidade de libertar e libertar os seus. Conforme os argumentos defendidos em “Subcidadania brasileira”, o autor mostrou que Bourdieu “...percebe os capitais econômico e cultural como os elementos estruturantes de toda a hierarquia moderna”. (SOUZA, 2018, p. 33). Assim, se abre novas reflexões.

Enquanto a sociedade, maioria trabalhadora, é induzida à obediência e está em ação os mecanismos que moldam a forma de pensar das pessoas, outros personagens usufrui das riquezas existentes. Uma das artimanhas percebida é o poder do habitus: “O habitus vai permitir definir de modo inovador a ideia de classe social e o pertencimento a ela. (SOUZA, 2018, p. 96). O cidadão percebe a classe e como se deve comportar dentro dela, conforme se complementa: “O habitus é uma necessidade internalizada e transformada em disposições”. (SOUZA, 2018, p. 135). Tudo construído no sentido de fazer com que o indivíduo internalize informações, sentimentos e emoções e esta é a “magia social”.

O habitus seria um sistema de estruturas cognitivas e motivadoras, ou seja, um sistema de disposições duráveis inculcadas desde a mais tenra infância, que pré-molda possibilidades e impossibilidade, oportunidades e proibições, liberdades e limites, de acordo com as condições objetivas. Nesse sentido, as disposições do habitus são, em certa medida, pré-adaptadas às suas demandas. (SOUZA, 2018, p. 80).

Primeiro, o trabalhador não percebe o jogo e depois é preciso perceber que quem trabalha no serviço duro e não dispõe de tempo para se adequar às inovações, que não dispõe de tempo para pensar sua própria situação de explorado, muito menos, pensar para orientar sua prole na busca de alternativa, não consegue driblar as frustrações do cotidiano, não consegue encontrar alternativas

viáveis, não percebe uma realidade diferente da sua. A ele só resta a alternativa: acreditar que nasceu para viver como está e que ele não teve a mesma sorte do outro. A maioria desses trabalhadores vivem o drama e vê seus filhos seguindo o mesmo destino, na verdade se sentem acorrentados. Primeiro, pela condição estrutural, financeira e cultural, depois pela prisão ideológica e por fim, a prisão psicológica que leva muitos ao estresse e até mesmo à depressão.

Portanto, é preciso adequar a oferta das oportunidades, o Estado deve entender que é difícil para o filho do trabalhador alcançar as mesmas oportunidades do filho de classe média que tem a sua disposição, o tempo, as condições financeiras e a herança cultural mostrada, com grande propriedade, pelo sociólogo Jessé Souza. O Estado, no mínimo, deveria garantir, sem muita burocracia, o financeiro, oportunizar os jovens menos favorecidos a conhecerem novas realidades, conhecerem novas experiências que amplie o seu ângulo de visão, pois normalmente, os filhos das classes dos privilégios, conhecem novas culturas, a condição financeira lhe é favorável, o fato de ter contato com outros idiomas, também, além de não ter a preocupação com a dupla jornada de trabalho que consome as energias de qualquer trabalhador.

O Brasil que queremos deve ser um Brasil de oportunidades para todos os cidadãos filhos desta pátria, um Brasil que valorize a cultura, valorize o meio ambiente, valorize o ser humano como gente e não como bicho - indiretas comuns aos povos da floresta -, ou as indiretas aos negros e pobres desmotivados pela falta de oportunidade, destroçados pela humilhação, muitas vezes, vistos como preguiçosos. Queremos um Brasil sereno, cheio de oportunidades, alegre e festeiro, um Brasil que se orgulhe como Pátria, que transborde, culturalmente, a alegria e a criatividade. Um Brasil onde todos os interessados possam opinar e escrever pelo próprio punho um artigo ou um livro, possa fazer uma produção como estamos fazendo agora.

E porque a persistência nesta perspectiva? Estamos persistindo nesse viés porque somos fruto das poucas oportunidades que o país ofereceu e hoje temos condições de opinar utilizando a própria experiência, escrevendo sem fantasias. Quem já passou por jornada dupla de trabalho e por várias vezes ficou sem se alimentar para garantir os estudos, sabe o que estou falando. Quem já conviveu com pessoas destroçadas pela humilhação, teve contato com povos da floresta, na mesma situação, sentiu a sua dor do outro, também sabe o que estamos falando. São situações como essas, não vivenciadas por muitos privilegiados da sociedade que dificultam a percepção nas distintas classes sociais.

Queremos um Estado forte, não no sentido bélico, um Estado que se orgulhe da distribuição nas oportunidades e como somos um país capitalista, o respeito ao privado é necessário, mas ao Estado cabe uma visão equitativa das oportunidades. Que a educação seja o caminho condutor das oportunidades e um ambiente em que as crianças passem desejar e não se sintam obrigadas e fiquem ali porque há um interesse do mercado ávido por explorá-las. Que a escola seja um lugar onde as famílias tenham o prazer de deixarem seus filhos e os profissionais tenham o prazer de compartilharem as suas experiências. Que a religião dedique à fé e busque a justiça social, que não sirva de trampolim para discursos demagógicos que envergonha a teologia.

Queremos um Brasil da paz, da oportunidade, da fé e do respeito às diversidades, do respeito às ciências em busca de alternativa para os impasses na saúde das pessoas. Conforme mostramos no artigo, publicado em 2020, não é recomendável o embate entre interesses, assim como não se deve recomendar o comodismo dos intelectuais. Quem tem o dever de ajudar na interpretação da realidade são esses últimos e eles têm o dever de questionarem as injustiças sociais e evitar o caos. É a imposição que justifica a defesa, mas a defesa justificada na esperança da emancipação social não é recomendável quando vira rivalidade. Intelectuais que omitiram ou não perceberam os dramas sociais têm responsabilidade no desmando do cenário político brasileiro dos últimos tempos.

O embate entre forças é parte da democracia e não recomendamos o extremismo, pois a força é, também, alternativa para se chegar ao equilíbrio. Não se recomenda interesses em status e poder social, mas quem defende melhorias à sociedade, justiça e equilíbrio social, que sente a dor dos explorados, deve ser ouvido. O problema é condenar o país ao anonimato. Conforme mostra a citação os “... partidos de esquerda defendem a socialização, democratização e a valorização do Estado como mecanismo alternativo à sociedade...” e “...partidos de direita defendem a concentração de poder, uma democratização dentro dos padrões elitistas e a desestruturação do Estado em razão do interesse privado”. (ROCHA, 2020, p. 165). Cabe ao leitor entender o lado que deve estar.

Não queremos o país do embate de forças no sentido radical das palavras, mas não podemos aceitar a imposição, como pesquisador e defensor da ética social e do equilíbrio, não podemos deixar de defender essas ideias. Tudo o que apresentamos serve de convite ao leitor para multiplicar reflexões em torno da temática. O intuito é provocar ações em torno da urgência para reverter a situação caótica do país porquê da forma que está, todos perdemos, tanto a direita quanto a esquerda, elite e trabalhador, o religioso e o ateu. É uma sociedade em jogo e todos somos sociedade, portanto, precisamos da justiça social.

Encerramos a base teórica mostrando outra preocupação na sociedade brasileira e ela se dá de várias formas, nos vários contextos. Estamos falando no racismo que aparece de várias formas. O grande problema, segundo Souza é que “...a imensa maioria dos estudos críticos realizados no Brasil e no mundo sobre o assunto e que deveriam, antes de tudo, compreendê-lo – simplesmente prova que o racismo existe. (SOUZA, 2021, p. 13), daí a necessidade da alerta sobre o assunto. O sociólogo percebe que o racismo, na verdade, está na linguagem do antirracismo e essa curiosidade instiga reflexão.

Se o racismo está na linguagem do antirracismo, o embate entre as forças se faz necessário, uma vez que, realmente há uma mentira sutil que ilude e inibe a maioria, portanto, o risco do caos se torna mais sério. Segundo o crítico: “...a imensa maioria dos intelectuais não faz a menor ideia do que seja o racismo, de onde ele vem, como se reproduz e se mantém - muito menos do que é destruído por ele...”. (SOUZA, 2021, p. 13). Veja a seriedade da informação exposta, estando com razão, muito pode ser esclarecido. Se os diversos tipos de racismo vêm para negar o reconhecimento social como mostra o autor, o problema é mais sério do que imaginávamos.

O pensador e escritor sugere uma “...esfera pública plural e aberta ao debate público de ideias”. (SOUZA, 2021, p. 115), talvez tenhamos uma democracia nos moldes dos sonhos sonhados por muitos e não uma mera insinuação a interesses restritos disfarçada de liberdade, que na verdade, destrói o indivíduo. É triste entender que existe “...uma “cultura” produzindo gente com “espírito” no

Norte global e outra produzindo subgente animalizada e reduzida ao corpo no Sul global...”. (SOUZA, 2021, p. 124), conforme mostra o livro citado. Complementa-se de que: “...A base da vida social é, portanto, moral, e não econômica, quer tenhamos consciência disso ou não”. (SOUZA, 2021, p. 52).

Se a base da vida social é moral e o “...moralismo, entre nós, se presta perfeitamente a substituir o racismo explícito, que havia sido interdito pela política popular e antirracista varguista. (SOUZA, 2021, p. 260), fica evidente que necessitamos de um diálogo em torno dos rumos que a sociedade está sendo direcionada. É preocupante a percepção de que o oprimido é fruto do convencimento da sua inferioridade para fins de dominação, como mostra o livro, bem como: “Um povo escravizado intelectualmente já nasce e está condenado a pensar a vida inteira como um servo dócil que engole sem reflexão as ideias de seu algoz como se fosse sua. (SOUZA, 2021, p. 174).

Os embates recentes dão evidências de que há reações, mas vivenciamos situações muito próximas das deduções. Nesse sentido, concordamos de que é necessário “...criticar e desconstruir explicitamente o racismo científico que se traveste de culturalismo... (SOUZA, 2021, p. 187). Portanto, limitamos as reflexões às informações apresentadas mostrando que é preciso pensar uma nova concepção de sociedade, não podemos parar com reflexões inerentes ao tema. Que essa reflexão seja mais um passo rumo a alternativa para uma sociedade justa e equitativa para os seus. Que o Brasil tenha uma merecida distribuição de renda capaz de completar as belezas naturais e criatividade presentes na sua cultura brasileira.

Se observarmos as opiniões de economistas, como Ladislau Dowbor e Eduardo Moreira, de princípio progressista, podemos encontrar sugestões para trilharmos novos rumos e entendermos a sistemática econômica com outra perspectiva. Esse é um assunto que merece atenção, mas não dispomos de conhecimento nem espaço para discuti-lo aqui. Não vamos entrar nesse assunto por limitações na compreensão do sistema financeiro. Apenas uma provocação ao leitor interessado, para que o interessado busque informações pertinentes ao tema. É preciso um projeto alternativo, um paralelo ao que se tem e para isso acontecer, necessitamos diálogo com quem entende do assunto, os autores podem servir como opção.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todo o esforço dedicado a essa obra foi no sentido de fortalecer a iniciativa de refletir sobre o embate político e ideológico polarizado que o país vem enfrentando nos últimos anos. Em complemento ao artigo “O cenário político brasileiro e a polarização dos últimos tempos, publicado em 2020, analisamos situações da conjuntura do país e, a luz de teorias, mostramos a necessidade de aclarar sutilezas que muitos não veem. O tema polarização ideológica está em pautas nos debates da sociedade brasileira e precisamos desvendar as sutilezas presentes em cada polo. Sua função é esclarecer dúvidas que não estão vivas para a maioria dos brasileiros e um debate plural ajudará no entendimento real capaz de sanar os dramas do momento.

Depois de informar ao leitor proposta da reflexão no resumo inicial, esforçamos para falar nas contradições, ações e reações da sociedade onde estão em jogo pensamentos opostos e uma sociedade fadada ao anonimato, consequência da imposição e distorção de valores. O estudo bibliográfico contou com vários teóricos, uns em maior escala, outros menos utilizados, mas ambos ajudaram mostrar a preocupação que temos em apresentar argumentos críticos ao drama social atual e

o retorno da oscilação constante que se tem na conjuntura histórica do país.

Com o objetivo de falar nos dramas relacionados a dois projetos na sociedade, onde, um dos polos defende o sistema econômico e as elites, enquanto o outro, defende as forças progressistas, o setor produtivo e o mundo do trabalho. Sendo ousado, poderíamos dizer que, na verdade, a maior parte da sociedade não está ligada a nenhum dos interesses, está centrada na sua individualidade, numa iniciativa que foge à regra, no seu ego, ego criado pelo próprio sistema. Como os dois lados tem interesse no controle do Estado e nenhum deles participam desse controle como previram, resta propormos o diálogo e evitar que a sociedade entre no jogo do desespero, como evidencia esse estudo.

Precisamos um Estado forte que tenha o cidadão como premissa maior e a chave do sucesso passe ser a liberdade de expressão, a conscientização das pessoas através de uma educação eficiente que ensine a realidade, não as fantasias como as que foram criadas no decorrer da história desse país. Que o cidadão negro, índio ou branco, tenham os mesmos valores. Que a liberdade de expressão não seja medida pela classe, pelo credo, ou por status social. Todas essas sugestões fazem parte do rol de possibilidades que o país tem e que nenhum cidadão posse a externar racismo, racial, de classe, ou multirracial.

Para melhor esclarecer a proposta das reflexões, trouxemos como primeiro título, um breve histórico de “Um Brasil em construção”. Buscamos dizer que a sociedade não está consciente dos dramas que vive e que, o problema do embate social, ainda, não está resolvido. Passamos ao “O Brasil que não queria” e a ironia foi uma chance para sugerir opiniões, a luz de teorias e em uma delas veio de Rousseau e o Contrato Social, justamente, para mencionar a conjuntura do país. Falamos na luta pela emancipação, mencionando o que já pontuamos na publicação anterior, para mostrar, o Brasil que queremos e assim perpassar por todas demandas no artigo.

Concluimos, afirmando que o estudo bibliográfico foi justo, afirmando a ideia inicial de que a oscilação no comando da sociedade é responsável pela polarização ideológica que vemos atualmente. Mostramos que o racismo é um marco histórico e tem origem na colonização e agora, travestido de liberdade, continua presente nas forças sociais, por vezes, nos dois polos, ora naqueles que buscam justiça social pelas vias democráticas e tem dificuldades para o diálogo, ora por uma ação radical, muitas vezes inconsciente e intolerante. Mesmo do lado dos que buscam a justiça social, não deixa de existir exaltados que atuam mais pela emoção de que pela razão e isso cria um problema de igual importância. Esperamos que o leitor tenha gostado das reflexões e amplie o viés investigativo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- DOWBOR, L. O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais. Sesc. São Paulo, 2020.0
- \_\_\_\_\_, L. O que é poder local? Ética. Imperatriz, 2016.
- DUHIGG, C. O poder do habito: Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios. Objetiva. 1ª ed. 44ª reimpressão. Rio de Janeiro, 2012.
- DWECK, C. S. Mindset: a nova psicologia de sucesso. Tradução S. Duarte. 1º ed. 24ª impressão. Objetiva. São Paulo, 2017.
- MOREIRA, E. Desigualdade & caminhos para uma sociedade mais justa. 7ª ed. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2021.
- \_\_\_\_\_, E. Economia do desejo: a farsa da tese neoliberal. Civilização brasileira. 6ª ed. Rio de Janeiro, 2020.
- \_\_\_\_\_, E. O que os donos do poder não querem que você saiba. 5ª ed. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2021.
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. São Paulo. Global, 2004.

MORES, R. C. Tradução: SILVA, R. R da. Edição eletrônica. ROUSSEAU, J. J. Do Contrato Social. 1947-2002. Disponível em < > Acesso em 06/07/2022.

ROCHA, A. C. Influências de Paulo freire e Emília ferreiro na educação brasileira. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 09, Vol. 05, pp. 39- 66, setembro de 2018. ISSN:2448-0959.

\_\_\_\_\_, A. O cenário político brasileiro e a polarização dos últimos tempos. Revista Terceiro Incluído, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 159-173, 2020. DOI: 10.5216/teri.v10i1.65498. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/65498>. Acesso em: 15 set. 2022.

SOUZA, J. A herança do Golpe. 1ª ed. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2022.

\_\_\_\_\_, J. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Leya. Rio de Janeiro, 2017.

\_\_\_\_\_, J. Como o racismo criou o Brasil. Estação Brasil. Rio de Janeiro, 2021.

\_\_\_\_\_, J. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Leya. Rio de Janeiro, 2018.

